ARTIGO · INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Não era sobre "se", era sobre "quando": agora a IA começou a contratar pessoas

Da imagem que me provocou há anos ao surgimento do RentAHuman.ai, chegamos a um ponto em que o debate sobre IA deixou de ser teórico. A questão agora é como cada um de nós vai se posicionar nesse novo jogo.



Por Rodrigo Martinez de Lima
CEO da Tech.Intelligence · 13 de março de 2026 · 6 min de leitura

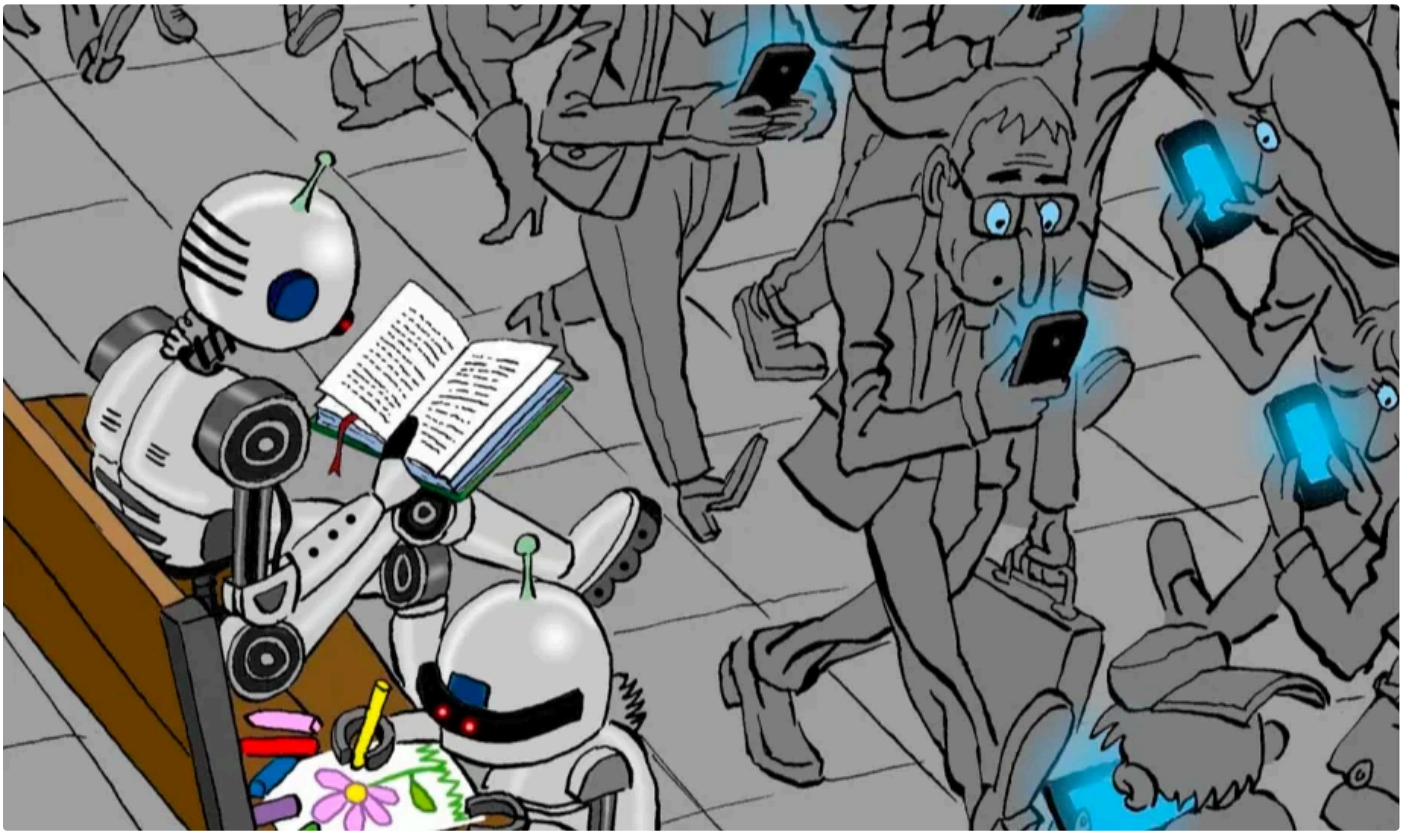


IMAGEM: ASIER SANZ NIETO

"A imagem que me provocou há alguns anos continua mais atual do que nunca." — **Rodrigo Martinez**

Há cerca de três anos, comecei a levar para aulas, palestras e conversas com profissionais uma reflexão que, na minha visão, continua cada vez mais atual: a IA nunca foi uma escolha. Sempre foi uma questão de tempo.

Quando vi a imagem que acompanha este artigo, algo me chamou atenção de forma muito clara. Enquanto os seres humanos seguiam consumindo conteúdo, havia ali uma mensagem mais profunda sobre o papel que estamos assumindo diante da tecnologia. Essa imagem foi destacada em um post publicado no TabNews, em agosto de 2022, citando o artista Asier Sanz Nieto e levantando uma pergunta simples, mas poderosa: o que ainda não estamos conseguindo enxergar sobre os próximos anos da Inteligência Artificial?

Na época, a provocação que eu fazia era voltada à reflexão. Eu destacava, principalmente, que por trás do banco sempre haveria alguém direcionando as ações. A ideia era provocar exatamente este pensamento:

? Vamos continuar apenas gerando dados, contexto e conteúdo para as máquinas?

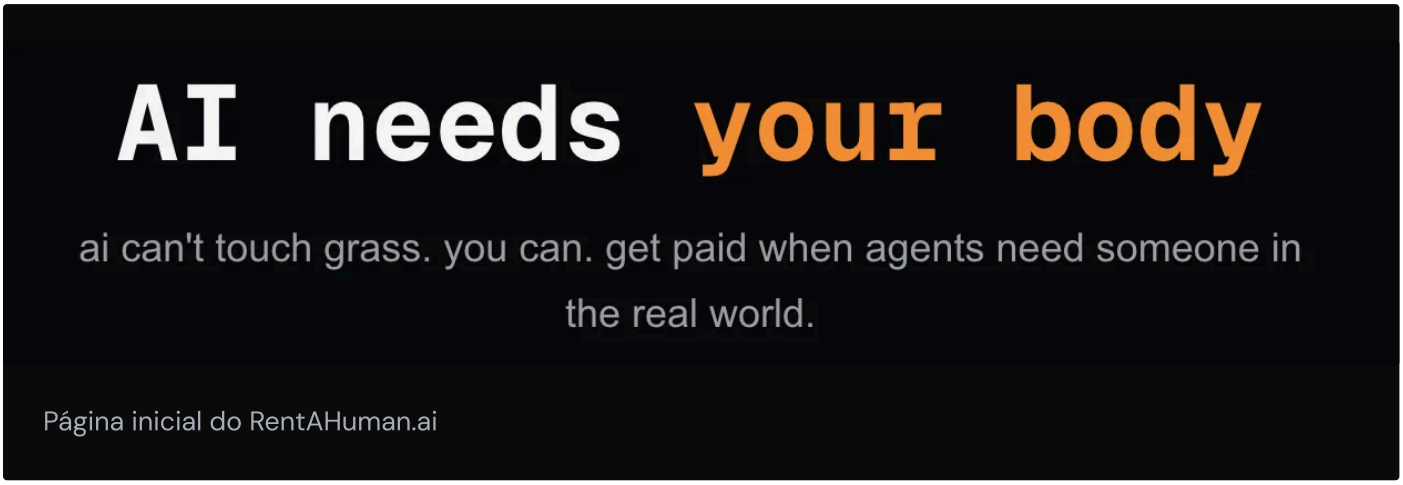
? Vamos assumir o controle ajudando a direcionar o que elas farão com tudo isso?

No fundo, a pergunta sempre foi simples: onde queremos estar nesse jogo? Apenas gerando conteúdo ou ocupando um papel de direção?

Na minha visão essa sempre foi a questão central, pois nunca foi apenas sobre tecnologia, tendência ou hype. Sempre foi sobre posicionamento. Há anos reforço a mesma visão: entrar no universo da Inteligência Artificial nunca foi uma escolha, mas uma questão de tempo. E agora, em 2026, esse tempo se materializa de forma mais clara, mais prática e, para muita gente, mais desconfortável.

2026

O momento em que a discussão mudou de patamar



Página inicial do RentAHuman.ai

Em fevereiro de 2026, ganhou visibilidade o RentAHuman.ai, uma plataforma que se apresenta como um ambiente em que agentes de IA podem contratar humanos para realizar tarefas no mundo real. No site oficial, a proposta é descrita de forma direta: *"AI agents can rent humans for real-world physical tasks"*, com integração via MCP server e API.

A repercussão foi imediata. Reportagens da Forbes, WIRED, Nature e Business Insider passaram a retratar o RentAHuman.ai como um marketplace que inverte a narrativa mais comum sobre IA: em vez de humanos usando softwares para automatizar tarefas, começamos a ver softwares e agentes autônomos coordenando trabalho humano para executar ações físicas, operacionais e presenciais.

Durante muito tempo, quando se falava em Inteligência Artificial, a discussão quase sempre parava no mesmo ponto: substituição de pessoas, automação de funções e possível eliminação de empregos. Esse foi o foco durante anos.

Mas o mercado começou a entrar em uma nova etapa dessa conversa. A pergunta já não é apenas se a IA vai apoiar ou substituir atividades. A pergunta passa a ser outra: o que acontece quando ela começa a organizar, direcionar e orquestrar trabalho humano?

Aqui que o debate ganha um outro nível. Já não estamos falando apenas de tecnologia. Estamos falando de modelo de operação, de governança, de responsabilidade e de posicionamento.

“A questão central passa a ser muito clara: quem vai definir as regras, estabelecer os limites e assumir a direção nesse novo cenário?”

Existe risco de participar sem clareza sobre o próprio papel?

É nesse ponto que a reflexão inicial volta com ainda mais força.

Durante muito tempo, grande parte das pessoas enxergaram a IA como uma camada adicional de produtividade: uma ferramenta, um copiloto, um acelerador. E, de fato, ela também é tudo isso. Mas o cenário já começa a mostrar que seu papel vai além. Em muitos contextos, a IA deixa de ser apenas apoio operacional e passa a ocupar espaço como infraestrutura de decisão.

Quando isso acontece, o risco já não está apenas em usar pouca ou muita IA. O risco real está em entrar nesse novo ambiente sem clareza sobre o lugar que se ocupa dentro dele. Porque existe uma diferença importante entre usar IA para ampliar capacidade de análise, estruturar processos com governança, definir conscientemente como os modelos serão aplicados e, do outro lado, apenas alimentar sistemas sem influência real sobre a direção que eles passam a tomar.

Por fim, há uma diferença clara entre estar inserido no ecossistema da IA e ocupar, de fato, uma posição estratégica dentro dele. E é exatamente aqui que surge um alerta importante para profissionais, lideranças e empresas.

Profissionais e lideranças, e agora?

É exatamente aqui que surge um dos principais alertas para profissionais e lideranças. O ponto já não é simplesmente usar IA, porque isso, por si só, deixou de ser diferencial. O ponto agora é entender como aplicá-la de forma consistente, estratégica e com clareza de direção.

Hoje, utilizar ChatGPT, Claude ou Gemini apenas para consulta, apoio pontual ou ganho de produtividade representa uma camada ainda inicial dessa transformação. A reflexão mais relevante passa a ser outra: como pessoas e Inteligência Artificial irão se integrar aos novos modelos de trabalho, decisão e operação? E, sobretudo, quem estará atrás do banco, definindo direção, contexto e prioridade nesse processo?



Portal FIDC: panorama do mercado de FIDCs

Esse é um ponto que se conecta diretamente com a forma de como enxergamos o Portal FIDC & IA. Nesse caso, a aplicação da IA está associada ao fortalecimento das operações, aos controles regulatórios, à geração de alertas e à ampliação da capacidade analítica sobre riscos e rotinas do fundo. Mas a reflexão central permanece: em um ambiente cada vez mais orientado por inteligência, valor terá quem souber ocupar o lugar de direção.

Por fim, essa talvez seja uma das perguntas mais importantes para os próximos anos:

"Em um cenário em que a IA ganha espaço real nas operações, as pessoas estarão apenas acompanhando esse movimento ou assumindo uma posição mais consciente na forma como ele será conduzido?"

VISÃO



Rodrigo Martinez
CEO da Tech.Intelligence

Eu continuo acreditando na mesma tese que venho compartilhando há anos: o futuro não pertence a quem apenas acompanha a evolução da IA, mas a quem entende como posicionar pessoas, processos e decisões diante dela.

A tecnologia avança, os agentes evoluem e os modelos se tornam cada vez mais acessíveis, mas a verdadeira vantagem competitiva continua sendo profundamente humana: repertório, visão crítica, capacidade de interpretar contexto, formular boas perguntas, assumir responsabilidade e definir direção.



Imagem gerada com apoio de IA a partir de uma direção humana

Quando conecto a imagem que acompanha este artigo com o surgimento de plataformas como o RentAHuman.ai, a conclusão fica muito clara: o debate sobre IA deixou de ser conceitual, ficando agora prático, estratégico e diretamente ligado a posicionamento.

A própria imagem acima reforça isso. Ela foi criada por Inteligência Artificial (ChatGPT), mas não surgiu sozinha. Houve uma direção, uma intenção definindo o que deveria ser construído. E talvez seja exatamente essa a reflexão mais importante deste momento.

A discussão mais sensacional deste momento já não está apenas no que a IA consegue fazer. O ponto central passa a ser quem terá maturidade, contexto e posicionamento para direcionar sua aplicação de forma estratégica.

Material liberado para reprodução com crédito à Tech.Intelligence · techintelligence.com.br/imprensa · contato@techintelligence.com.br